

UMA LEMBRANÇA QUE NÃO SE APAGA NO TEMPO DENTRO DA
POESIA DE MANUEL BANDEIRA

Caroline Nava*

Poema só para Jaime Ovalle

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro 1
(Embora a manhã já estivesse avançada).
Chovia.
Chovia uma chuva triste de resignação
Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite. 5
Então me levantei,
Bebi o café que eu mesmo preparei,
Depois deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...
– Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.

Biografia

Formada em Letras-
Espanhol pelas Faculdades
do Brasil – Unibrasil

A poesia “*Poema só para Jaime Ovalle*” de Manuel bandeira é uma poesia sem rimas, sem metrificacão certa, assim, usando tanto as formas mais radicais das vanguardas do século XX quanto as formas clássicas do lirismo ocidental, o autor delimita um estilo simples. Uma simplicidade espontânea que pode parecer até simples demais, mas que constitui uma de suas virtudes. Simplicidade alicerçada num processo criativo dominado pelo subconsciente, no qual não há espaço explícito para a luta pela expressão ou para a busca da palavra exata, fenômenos, estes, que só ocorrem a poetas que escrevem de acordo com princípios do consciente.

Neste poema vemos que Manuel Bandeira usa de alguns artifícios para fixar algumas idéias, ou seja, usa do pleonasma vicioso (“Chovia uma chuva triste de resignação...”), mas que nem por isso tira o brilho do

poema, pois fica claro que o “defeito” e o estilo podem parecer contrastantes, mas, se usarmos um pouco de sensibilidade, fica fácil distinguir um do outro e de ver que, talvez, se complementam para dar mais ênfase ao verso.

Para um poema cujo tema é essencialmente a solidão, o título é intencionalmente ambíguo. No poema de Bandeira, “só” pode referir-se a “poema” (poema solitário) ou a Jayme Ovalle (poema feito exclusivamente para Jayme Ovalle).

O poema se apresenta em uma única estrofe com nove versos disformes, ou seja, nenhum verso tem a mesma métrica do outro: “Chovia”, este verso é diferente de “Depois deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...”, pois suas métricas são diferentes, sendo que o primeiro tem duas sílabas gramaticais, mas apenas uma métrica e o segundo tem dezoito sílabas gramaticais e dezessete métricas. Para melhor identificar a métrica no poema vejamos a seguir:

Poema só para Jaime Ovalle

Quan / do ho / je a / cor / dei, a / in / da / fa / zia es / cu / ro

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

(Em / bo / ra a / ma / nhã / já es / ti / ves / se a / van / ça / da).

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

Cho / via.

1

2

Cho / via / uma / chu / va / tris / te / de / re / sig / na / ção

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

Co / mo / con / tras / te e / con / so / lo ao / ca / lor / tem / pés / tuo / so / da /

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14

15

[noi / te.

16

17

Em / tão / me / le / van / tei,

1

2

3

4

5

6

Be / bi o / ca / fê / que eu / mês / mo / pre / pa / rei,

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

De / pois / dei / tei / no / va / men / te, a / cen / di um / ci / gar / ro e / fi / quei /

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

[pen / san / do...

16

17

18

– Hu / mil / de / men / te / pen / san / do / na / vi / da e / nas / um / lhe / res / que
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14
 15 16
 [a / mei.
 17

De todos os versos do poema, apenas o segundo, o quarto, o quinto e o nono versos têm a métrica igual (segundo e quarto – 12; e quinto e nono – 17).

No poema também encontramos empregados alguns sinais de pontuação como o parêntesis (()), a reticência (...) e o travessão (–). O parêntesis empregado já no segundo verso do poema está servindo como um aposto de explicação, ou seja, “(Embora a manhã já estivesse avançada)” está explicando “Quando hoje acordei, ainda fazia escuro”, mostrando ao leitor que quando o autor acordou pela manhã ainda estava escuro. A reticência, no oitavo verso, mostra um sinal de continuidade, de incentivar o leitor a deduzir no que o autor estava pensando “Depois deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...”, mas que no verso seguinte fica claro o pensamento do personagem. Já o travessão, que está empregado no nono e último verso, indica uma fala do autor com seus leitores: “ – Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.”.

As formas verbais apresentadas no poema de Bandeira (acordei, me levantei, bebi, preparei, deitei, acendi, fiquei, amei) lembram que o eu - poético do poema é o próprio autor, que conversa com um grande amigo e compositor Jaime Ovalle (a quem é dedicado este poema), mas também o eu – lírico do poema pode ser o próprio poema, pois pode estar querendo dar o seu recado a alguém, no caso, também, Jaime Ovalle.

Continuando a análise, podemos destacar o tempo como um dos muitos pontos a serem analisados no poema de Bandeira. Tempo que segundo Santo Agostinho teria duas acepções: de curta duração (restrita) ou de longa duração (larga) e que também se apresenta em quatro modalidades: físico ou natural, histórico, psicológico ou cronológico e que, segundo Paul Ricouer, torna-se humano na medida em que é articulado no modo narrativo, ou seja, se levarmos em conta o que diz Ricouer em seu estudo “*Tempo e Narrativa – a Tríplex Mimese*” podemos dizer que o tempo do poema “*Poema só para Jaime Ovalle*” de Bandeira é um tempo real, humano, pois conseguiu atingir a idéia de que se tornou uma condição temporal de existência.

O tempo, segundo Santo Agostinho, no poema de Manuel Bandeira é um tempo físico ou natural, pois as coisas acontecem de forma natural no poema, ou seja, ele acorda, vê que está chovendo como forma de amenizar o

calor da noite, toma o café que ele mesmo preparou, volta a se deitar e começa a pensar na vida e nas mulheres que amou. Vejamos nas figuras abaixo:

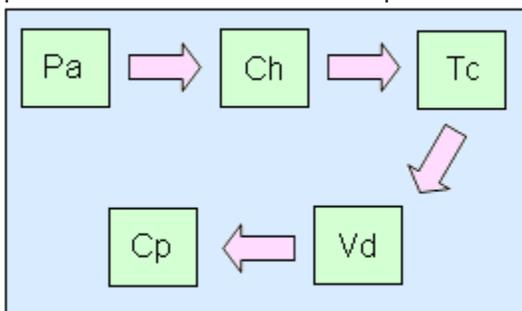


Figura 1: personagem acorda (PA), vê que está chovendo como forma de amenizar o calor da noite (Ch), toma o café que ele mesmo preparou (Tc), volta a deitar (Vd) e começa a pensar na vida e nas mulheres que amou (Cp)

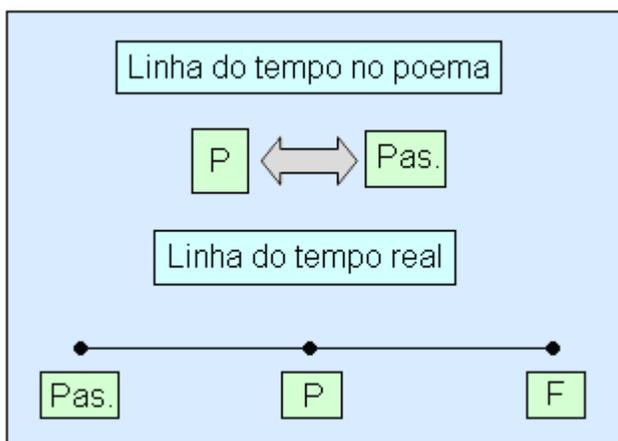


Figura 2: Presente (P), Passado (Pas.), Futuro (F).

A partir das figuras acima, podemos destacar algumas características do tempo em “*Poema só para Jaime Ovalle*”. Na primeira figura vemos que o tempo é cronológico, senão natural ou físico, pois ocorrem normalmente seguindo a ordem natural das coisas (tempo). Já na segunda figura vemos que a ordem, digamos, emocional do poeta ocorre meio embaralhada, pois vemos dois tempos distintos: o presente e o passado. Do mesmo jeito que um complementa o outro, o presente é representado pelo “hoje” e o passado pelo tempo verbal em que estão os verbos (acordei, deitei, fiquei, etc.), ou seja, no passado do indicativo, sendo, assim, é

possível destacar dois momentos distintos:

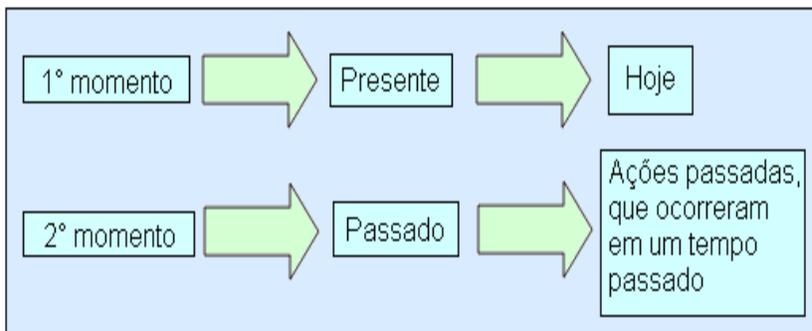


Figura 3: descrição dos momentos temporais dentro do poema *“Poema só para Jaime Ovalle”* de Manuel Bandeira.

A partir desses dois momentos distintos, podemos dizer que Manuel Bandeira não só se vale do passado para explicar o presente, como o utiliza para conversar com Jaime Ovalle (já citado anteriormente) relembando, ao amigo, as mulheres que amou.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. Meus Poemas Preferidos. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

RICOUER, Paul. Tempo e Narrativa – A Tríplice Mimese. In: Tempo e Narrativa. Campinas, SP: Papyrus, 1994. Tomo I, p. 85 – 131.

